
JAZZ

28 FEVEREIRO '07

JOÃO PAULO

Memórias de Quem

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUA 28 FEVEREIRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H15

Piano João Paulo

João Paulo Esteves da Silva

Num dos “concertos falados” que tem feito pelo País, alguém da assistência não muito familiarizado com o jazz perguntou a João Paulo por que motivo improvisava ele tanto sobre uma melodia. O pianista respondeu-lhe que era para isso mesmo que utilizava as melodias, fossem de sua autoria, retiradas ao cancionero tradicional português ou adaptadas do rico património árabo-judaico: como um motivo de base para que aquela simples frase se convertesse em outras coisas que nem ele, ao colocar as mãos sobre o teclado, sabia no que resultariam. E demonstrou-o na prática, desmentindo quantos ainda pensam que a música escrita é necessariamente mais elaborada do que a improvisada. Na música de João Paulo Esteves da Silva, o improviso ganha dimensões de complexidade que nenhum compositor clássico imaginaria poder colocar no papel logo à primeira tentativa – isto, claro, se não

se chamar Johann Sebastian Bach ou Amadeus Mozart. Para não referir casos históricos de evidente genialidade, e por isso excepções, temos o exemplo mais próximo de nós do italiano Giacinto Scelsi, mas a verdade é que este não compunha automaticamente. Sentava-se ao piano, tocava o que lhe vinha à cabeça e só depois passava os sons para a pauta, não sem antes observar estes com a máxima atenção – conta-se, aliás, que foi visto a premir continuamente a mesma tecla durante um longo intervalo de tempo, e se foi então julgado louco, o que estava a fazer era muito objectivo, uma análise da essência do som e das suas componentes internas. O curioso em João Paulo é que ele vem de uma formação clássica (20 valores no Conservatório de Lisboa e vários prémios de excelência interpretativa em França), tendo precisamente a escrita musical como modelo, e se não

quis seguir uma carreira de executante foi porque ler partituras lhe pareceu menos interessante do que criar música no momento, sem outras mediações além das do próprio instrumento.

É assim que, apesar do seu percurso académico de nível elevado, João Paulo se considera um autodidacta no que respeita à improvisação e ao uso do idioma jazz. Não tendo frequentado uma escola nesta área – o que, de resto, alguns “jazzmen” consideram estar em contradição com a natureza da música que praticam –, teve ele mesmo de formular os seus métodos de aprendizagem e estes passaram por tocar juntamente com os discos e por mimetizar o que ouvia dos seus ídolos de juventude: George Duke primeiro, depois Herbie Hancock, Chick Corea e Joe Zawinul, mais tarde Keith Jarrett, para finalmente ter as armas que lhe permitissem partir para a descoberta da sua própria voz. Como disse numa entrevista à *Jazz. pt*, apercebera-se de que precisava de “encontrar um caminho mais pessoal” e que o facto de ter “qualquer coisa para dizer na música” não se compatibilizava com uma dedicação “seis ou oito horas por dia ao repertório erudito”. Este desprendimento relativamente à sua escolaridade musical levou-o não só a relativizar a importância do virtuosismo – ele que, para todos os efeitos, é um virtuoso – como a descentrar-se de uma perspectiva especificamente

pianística: “Nada tenho contra o piano, mas também nada tenho especialmente a favor.”

Ainda que o João Paulo clássico esteja permanentemente em evidência, foi um complicado processo de reposicionamento na música aquele que ele soube levar a bom termo. Não saiu de um enquadramento conceptual para se colocar noutra, não fez uma ruptura com o passado e não se entregou a esta outra prática musical, o jazz, como se de uma causa mais transcendente do que o seu gosto se tratasse, algo que em outros chegou, inclusive, a justificar uma atitude fundamentalista. João Paulo tem a muito contemporânea característica de não ser uma coisa OU outra, mas de poder ser várias (e... e... e...) consoante os contextos, ao encontro da noção de rizoma formulada por Deleuze. Sendo um músico “savant”, abraça com particular entusiasmo as músicas de extracção popular, e por isso ouvimo-lo com figuras da MPP como Vitorino, Sérgio Godinho e Fausto ou com gente do fado como Ricardo Rocha e Maria Ana Bobone. Na clássica, Béla Bartók, Luciano Berio e o nosso Fernando Lopes Graça fizeram-no, e são muitos os casos no jazz em que se vai buscar temas à pop (fê-lo ainda recentemente o também português Carlos Bica com Melanie C e David Bowie) ou a tradições “étnicas” distantes, mas para João Paulo é essa a expressão do questionamento das suas

origens e da sua cultura, evidenciando uma condição periférica numa música de contornos universais. De resto, o título do seu novo disco, *Memórias de Quem* (Clean Feed, 2007), base do que nos vai apresentar no Grande Auditório da Culturgest, declara-nos isso mesmo.

No “concerto falado” acima referido, um musicólogo quis saber dos motivos porque, naquela ocasião, se cingiu ao habitualmente convencionado para o piano e se tal querería dizer que o jazz não chegou ao nível de experimentação da música dita “séria” do século XX e deste que agora se inicia. Se a pergunta indicava algum desconhecimento do que é o jazz nos dias de hoje e do que vem fazendo João Paulo, permitiu, no entanto, que este lembrasse que a liberdade criativa proporcionada pela improvisação pressupõe que seja tão válido dispensar as convenções quanto assumi-las por inteiro. Quem já o ouviu debruçar-se sobre o interior do seu instrumento para manipular directamente as cordas está ciente de que os únicos limites que admite são os sugeridos no instante da performance pela própria actuação. A verdade de uma música pode adoptar muitas formas, e esse é um ensinamento que João Paulo Esteves da Silva, constante aprendiz, nos transmite a nós, seus ouvintes.

RUI EDUARDO PAES

Jornalista, crítico, editor da revista *Jazz.pt*

João Paulo Esteves da Silva nasceu em Lisboa, em 17 de Maio de 1961, numa família de músicos. Começou a tocar piano aos quatro anos de idade. Estudou na Academia de Santa Cecília e no Conservatório Nacional de Lisboa onde obteve o diploma do Curso Superior de Piano com a classificação máxima. Com uma bolsa de estudos da Secretaria de Estado da Cultura foi completar a sua formação a Paris, no Conservatório de Rueil-Malmaison, onde esteve três anos obtendo as mais altas distinções (“Médaille d’Or”, “Prix Jacques Dupont”, “Prix d’Excellence”, “Prix de Perfectionnement”). Terminados os estudos, permaneceu em Paris mais quatro anos, dando vários recitais em França e nos Estados Unidos, dos quais se salientam os de Nova Iorque no Carnegie Hall em 1986 e 1989.

Exímio instrumentista, a sua actividade reparte-se por vários géneros musicais, do jazz à música popular portuguesa, da música erudita ao

fado. Considerado um músico de jazz, tem sido, no entanto, convidado para interpretar, compor, ou orquestrar trabalhos de músicos dos mais variados quadrantes. Sérgio Godinho, Vitorino, José Mário Branco, Fausto, Filipa Pais, Tomás Pimentel, Mário Laginha, Maria João, Pedro Caldeira Cabral, Ana Paula Oliveira, Carlos Martins, André Fernandes, Carlos Barretto, são alguns dos músicos com quem tem trabalhado.

De entre as suas colaborações mais recentes, contam-se as orquestrações e acompanhamento no CD de Maria Ana Bobone, *Sra. da Lapa*, os arranjos da peça interpretada por Maria João Pires na gravação de Mísia ou a sua presença em *Sempre* de Carlos Martins.

No plano internacional tocou, entre outros, com músicos como John Stubblefield, Graham Haynes, Hamid Drake, Frank Cólón, Cláudio Puntin, Stephen Schon, Micahel Riessler e Peter Epstein.

Miguel Borges Coelho e Marta Zabaleta

Recital de Piano

Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h

Este é o terceiro concerto integrado no ciclo “Os Filhos de Abraão”, e o primeiro em que se interpreta música erudita.

Olivier Messiaen compôs as *Visions de l’Amen* em 1942, em plena guerra mundial, pouco depois de ter voltado para Paris vindo de um campo de prisioneiros alemão. Para ser tocado, como foi em Maio de 1943, por si e pela sua futura mulher, Yvonne Loriod.

Amen é uma palavra comum ao judaísmo (é de origem hebraica), ao cristianismo e à religião muçulmana. E nas três religiões tem sentidos semelhantes. Pode dizer-se, sem simplificação demasiada, que em regra significa a concordância com uma afirmação, ou a aceitação de uma situação e, nesse sentido, é uma afirmação de fé.

As “Visões” de Messiaen (como é sabido, um compositor católico que falava da sua fé através da música) referem-se a sete momentos. À Criação, ou ao acto que no início desfaz o caos, separando a luz das trevas. À criação de “as estrelas, os sóis e Saturno (...) que rodopiam numa vertigem desenfreada. Deus chama-os e eles respondem: Amem, estamos aqui”



Olivier Messiaen

(nas palavras do compositor). À Agonia de Cristo que se conformou à vontade do Pai. Ao Desejo da paz do Paraíso. Ao coro dos Anjos e dos Santos transmitido através do canto dos pássaros. Ao Juízo Final, em que se separam os justos dos pecadores. À consumação do encontro com Deus no Paraíso.

A primeira parte do recital é composta por uma transcrição para piano a quatro mãos, do compositor húngaro György Kurtág, da obra de Heinrich Schütz, compositor barroco alemão, *As Sete Palavras de Cristo [na Cruz]*. A peça de Schütz foi escrita para um coro a quatro vozes, cordas e baixo contínuo, para ser tocada na Semana Santa. Kurtág, de origem judaica e ex-aluno de Messiaen, vai direito ao essencial dessa obra, desprezando não só a introdução e a conclusão, como todas as ornamentações ou repetições. E no entanto, essa formidável concisão é de uma enorme riqueza de emoções.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos